



**LITERATURA
GREGA:
IRRADIAÇÕES**

DONALDO SCHÜLER

AE
Ateliê Editorial

SUMÁRIO

I. GÊNEROS	13
2. NARRADORES.....	17
A Questão Homérica	18
Épicos	20
<i>Ilíada</i>	20
<i>Odisseia</i>	25
<i>Odisseia</i> de Nikos Kazantzákis.....	31
<i>Teogonia</i>	33
<i>Os Trabalhos e os Dias</i>	38
<i>Batracomiomaquia</i>	41
<i>Argonáutica</i>	43
<i>Alexandriada</i>	50
Konstantinos Kaváfis.....	52
Historiógrafos	53
Heródoto.....	53
Tucídides	60
Xenofonte	68
Flávio Josefo	69
Plutarco.....	72
Políbio.....	76

Procópio	79
Micael Psellos	80
Romancistas	82
Rumo ao Ilimitado	82
<i>Dáfnis e Cloé</i>	83
<i>Balaão e Josafá</i>	85
<i>A Última Tentação</i>	87
Entre o Limite e o Ilimitado	90
3. LÍRICOS	93
Hinos Homéricos	94
Calino	96
Tirteu	97
Arquíloco	98
Semonides de Amargos	101
Mimnermo	102
Sólon	103
Alceu	105
Safo	107
Anacreonte	111
Álcman	112
Estesícoro	113
Íbico	114
Simônides de Ceos	115
Píndaro	116
Calímaco	121
Teócrito	123
Paladas	127
Seféris	129
4. PENSADORES	131
Pensadores da Natureza	132
Tales	132
Anaximandro	134
Xenófanes	139

Pitágoras	144
Heráclito	150
Parmênides	151
Zenão de Eleia.....	153
Empédocles	155
Anaxágoras	157
Demócrito	159
Pensadores do Estado	161
Os Sofistas.....	161
Górgias	162
Protágoras	163
Sócrates	164
Platão.....	166
Aristóteles	170
Teofrasto	173
Justiniano.....	176
Rigas Feraios	177
Kostas Axelos	179
Pensadores no Torvelinho das Transformações	182
A Dúvida.....	182
Céticos.....	182
Epicuro	184
Estoicos.....	186
Antístenes	188
Diógenes	188
Menipo	191
Luciano	193
Pensadores do Mistério da Vida	197
Plotino.....	197
Longino.....	199
Jamblico.....	201
Proclo Diádoco	202
Damáscio.....	203
Pensadores da Criação.....	204

Filo de Alexandria	204
Pensadores Cristãos	207
5. ORADORES	213
Lísias	214
Isócrates	215
Demóstenes	216
João Crisóstomo	220
6. TEATRÓLOGOS	223
Tragédia	223
Ésquilo	224
Sófocles	239
Eurípidés	250
Aristófanes	268
Menandro	278
7. ÍTACA	281
A Ilha Sonhada	281
O Futuro Antecede o Presente	284
Descida ao Hades	286
A Sombra de Odisseu	288
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	293

I. GÊNEROS

To ti ên einai. Aristóteles concentra perguntas: O que é? O que era? O ser, o que é? Perguntas que já foram feitas antes dele. Perguntas que se repetem depois dele. Parmênides entendia o ser estático, Aristóteles o movimenta. *Ên* (era) é tempo narrativo. A narrativa apresenta seres em movimento. Na leitura o que foi volta a ser. O leitor entra na narrativa, vive com as personagens, sofre e triunfa com elas. Aristóteles acompanha a narrativa cósmica em direção a um lugar utópico, o ato puro. Mesmo que não exista, o ato puro movimenta o universo, é assim que Kaváfis entende a trajetória de cada um de nós. À maneira do ato puro, Ítaca atrai, meta erótica erotiza o universo.

O ser (*einai*) emerge no algo (*ti*) que acontece. Algo (ou alguém) era, é e será. Permanente é o ser em movimento, princípio (*arkhé*), vivo, ativo, móvel. O ser (*einai*) opera no gerar, vive no gerar: passa, presentifica, futura. O (*to*) que passa é algo (*ti*) que era (*ên*), algo que, agindo no vigor da origem, será, o acontecer destina. O ser vive em cada um de nós. Somos rumo a Ítaca.

Acentuemos *genos*: o gerar, a geração, uma geração gera outra, origina outras. A Terra gerou o Céu, montes, vales, fontes, ma-

res, gigantes, titãs, deuses, plantas, homens. Gerar é passar, reter, preservar, produzir. Gêneros celebram a origem (*arkhê*), a produtividade, conexões. Por agir no fundamento, gênero é arqueologia, descer às origens para agir.

A epopeia acontece na ação, explora origens e territórios, o herói épico afronta riscos, amplia espaços, busca o mistério escondido por horizontes moventes, cantores exaltam vencedores.

A historiografia silencia o canto, exila deuses, historiadores observam, leem, examinam, ativam o escrever, o inventar.

A lírica ouve o que se passa no cantor, aprofunda a relação com outros, com outras coisas, com a cidade, com o mundo, inquietações abalam a regularidade rítmica, convocam palavras raras, líricos inventam.

A filosofia propõe bases, indaga valores, atitudes, métodos.

A vontade de persuadir, de conduzir articula argumentos de oradores.

A incerteza, a exploração de limites, sobe ao palco na tragédia.

O gênero se individualiza no autor, desperta na vontade de produzir, de cantar, de dançar, de escrever.

O gênero excede, recolhe, acolhe; no gênero atuamos, somos. O gênero opera em nós para novas gerações. Operante em produtores e receptores, o gênero preside percepções, ações, projetos.

Gerado por algo, por alguém que era, sou o que sou. O gênero resiste a classificações, rompe fronteiras. Não basta conhecer para classificar, vive-se o gênero como produtor e como receptor. Sem receber não produzimos, produtores participam do processo de produção que nos excede. O cuidado classificatório do Iluminismo não provém da Grécia.

O apelo vem da comunidade, o autor responde a anseios, projetos, enredos enredam autores e receptores. A recitação é festa de palavras ritmadas, de corpos dançantes. O que era renasce no

canto e na dança, o presente em festa conecta o que foi e o que será. Divina é a festa, divino é o cantar, o festejar. Heróis revividos anunciam futuras realizações. Versos versam em inesperadas versões. Pensadores repensam definições. Palavras frequentam outras palavras, conexões inusitadas.

Gêneros confluem; original é a operação da origem no desfile de textos. Textos geram textos. De geração a geração o gênero se renova, inova. Gênero não é coisa, é ser que forma, que transforma, que se transforma. Aristóteles privilegiou a tragédia por não exceder a capacidade de retenção em tempo delimitado, a epopeia, por ser longa, divide-se em unidades adequadas à atenção. O tempo da recepção é tempo vivido. A mentalidade grega atribui ao abarcável valor estético; no sistema platônico o Belo é ideia. Como reter algo sem limites? Como poderia o ilimitado ser? A emergência do ilimitado surpreende, inquieta. O abarcável seduz quando o mundo se expande, foi assim na sensibilidade helenística e no concretismo brasileiro.

Falta, na Grécia Antiga, um termo para literatura, *poiesis* abarca a produção artística em todas as modalidades, há tendência de empregar *logos* para textos em prosa. Na *Retórica* de Aristóteles, *léxis* abarca a escrita. Para literatura, os gregos de agora criaram o termo *logotekhnia*; para romance, *mythistorima*. O gênero literário gera gêneros, um gênero atua sobre outro, cruzamentos geram novos gêneros, fim (*telos*) não há.

Textos antigos repercutem, vigoram, irradiam. Permaneceremos atentos às irradiações na Idade Média, na Modernidade, na Contemporaneidade, na Pós-contemporaneidade.

Gêneros são maneiras de ser. A literatura grega nos funda, vive e se irradia em nós. O mundo se diversifica e se expande. Para a literatura não há limites. Obras transgridem fronteiras linguísticas, fecundam outras formas de dizer, de ser. O algo que era é: ser – *to ti ên einai*.